

A FORMAÇÃO DO DOCENTE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO PROFISSIONAL REFLEXIVO

Renato Antônio Ribeiro²⁶³
Franciele Maria da Silva²⁶⁴
Rita de Cássia da Silva Santos

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo entender melhor a importância de uma formação adequada para o docente que atua na Educação de Jovens e Adultos, bem como as metodologias e recursos didáticos utilizados por eles. Apresenta-se o histórico do surgimento do ensino de jovens e adultos e o perfil dos discentes dessa modalidade, com foco na formação dos professores e buscando respostas de como deve ser a formação do docente como profissional reflexivo. O trabalho foi baseado em pesquisa bibliográfica e na pesquisa de campo em uma instituição pública da cidade de Anápolis-GO, com abordagem qualitativa, tendo como instrumentos de coleta de dados a observação e questionários aplicados a dez professores. Os resultados apontam para um cenário de especialização docente para a educação de jovens e adultos, com metodologias específicas e adequadas à modalidade, embora se perceba ainda a infantilização do adulto em alguns momentos.

Palavras-Chave: Educação de Jovens e Adultos. Formação de professores. Profissional reflexivo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a formação do docente de jovens e adultos como profissional reflexivo, com foco na segunda etapa do ensino fundamental. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade diferenciada, pois os alunos já possuem muitos conhecimentos acumulados. A EJA atende alunos acima de 15 anos no ensino fundamental e acima de 18 anos para o ensino médio e que não deram continuidade em seus estudos na idade apropriada.

²⁶³ Professor Orientador: Graduado em Ciências Biológicas e Mestre em Educação, Linguagens e Tecnologias (UEG), Docente na Faculdade Católica de Anápolis.

²⁶⁴ Concluintes do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Faculdade Católica de Anápolis.

O interesse pelo tema surge em uma experiência durante o Estágio Supervisionado III (EJA) do Curso de Pedagogia, trazendo a inquietação de que os alunos não podem ser tratados com diálogos e atividades infantilizadas e de que os professores precisam estar preparados para direcionar aulas aos alunos jovens e adultos com conteúdos andragógicos e não pedagógicos.

Na Andragogia, que é a arte de ensinar os jovens e adultos, os conteúdos devem estar voltados para este alunado a fim de atender ao seu perfil, considerando todas as situações que envolvem esse aprendizado e o professor precisa refletir sobre esse ensino e ter consciência da sua importância nesse processo pois os alunos da EJA aprendem mais quando são associados à sua vida prática e aos conhecimentos adquiridos, quando são indagados pelos professores a participarem, saindo da zona de conforto e expondo suas opiniões e experiências fazendo, assim, paralelos entre teoria e prática.

Na cidade da Anápolis, conforme a Matriz Curricular vigente desde 2012, algumas unidades escolares estaduais oferecem a 2ª Etapa da EJA em 6 (seis) semestres letivos, que corresponde ao Ensino Fundamental – 2ª Fase (6º ao 9º ano); a 3ª etapa da EJA em 4 (quatro) semestres letivos, que corresponde ao Ensino Médio (1º ao 3º ano), ficando para algumas unidades escolares da rede municipal a 1ª Fase (1º ao 5º ano) (RIBEIRO, 2014).

Ao nos referirmos a alunos jovens e adultos, podemos destacar diferentes públicos; todavia, o foco deste trabalho é com os alunos do ensino fundamental, segunda etapa. Enfatiza-se a importância de um ensino direcionado exclusivamente a EJA, não só pelo fato de adultos e crianças aprenderem de formas diferentes mas, principalmente, pelas mudanças ocorridas nos últimos dois séculos e que revolucionaram a forma do indivíduo interagir com o mundo.

Com a pesquisa desenvolvida, buscou-se verificar se os professores que atuam na EJA são reflexivos e estão preparados para atender esses alunos, observando se os materiais utilizados são adequados para atendê-los ou se estão fazendo aproveitamento de planos de aulas e atividades que foram elaborados para serem utilizados com crianças. Para isso, foi realizado um período de observação durante uma semana em uma escola da rede estadual do município de Anápolis-GO, voltada exclusivamente para a EJA, com alunos que estão no 3º semestre da 2ª etapa e posteriormente foi aplicado um questionário a 10 professores para coleta de dados.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Histórico da EJA

O ensino da EJA no Brasil inicia-se bem antes do império; ele começou a se desenvolver no período colonial, momento em que os missionários religiosos exerciam uma ação educativa com adultos, destinada aos brancos e indígenas, estudos estes que eram baseados no estudo clássico, nas primeiras noções da religião católica. Neste período, a educação era considerada tarefa da Igreja e não do Estado (MOURA, 2003).

A partir da Constituição Imperial de 1824 procurou-se dar um significado mais amplo para a educação, garantindo a todos os cidadãos a instrução primária. Infelizmente, essa lei não saiu do papel. Era bastante discutido em todo o Império como inserir as chamadas camadas inferiores (homens e mulheres pobres livres, negros e negras, escravos, livres e libertos) nos processos de educação formal (PAIVA, 1973).

Com o Ato Constitucional de 1834, ficou sob a responsabilidade das províncias a instrução primária e secundária de todas as pessoas, mas que foi designada especialmente para jovens e adultos, sendo considerada uma educação missionária e caridosa. A alfabetização de jovens e adultos deixa de ser um direito para ser um ato de solidariedade: “era preciso ‘iluminar’ as mentes que viviam nas trevas da ignorância para que houvesse progresso” (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 261).

Por volta dos anos 1840, então, é que a educação de adultos se instaura como política educacional e se detecta um alto índice de analfabetismo. Para combater essa situação o governo cria um fundo destinado à alfabetização dos adultos e em 1942 surge o Fundo Nacional de Ensino Primário, além disso, surgem outras iniciativas locais e estaduais (AMARAL, 2001).

No ano de 1947, o governo criou a Campanha Nacional de Educação de Adultos que propunha alfabetizar em três meses e com esse acontecido Paulo Freire se destacou e começou a ser referência na alfabetização de adultos. Ele, juntamente com sua delegação, conseguiu, no Estado de Pernambuco, alfabetizar 300 pessoas em 40 horas.

Com o objetivo de alfabetizar e promover uma educação continuada, o governo militar instituiu o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), em 1967. Esse movimento tinha como objetivo que os educandos adultos adquirissem técnicas elementares de leitura, escrita e cálculo sendo alfabetizadas funcionalmente (MENEZES, 2001).

O governo militar em 1970 instituiu um programa de ensino à distância chamado Projeto Minerva. O objetivo era solucionar os problemas educacionais com a implantação de uma cadeia de rádio e televisão educativas para a massa, utilizando métodos e instrumentos não convencionais de ensino. O Projeto Minerva foi mantido até o início dos anos 1980, apesar das severas críticas e do baixo índice de aprovação – 77% dos inscritos não conseguiram obter o diploma (COUTINHO, 1971).

Com o fim do Mobral em 1985, surgiram outros programas de alfabetização em seu lugar, como a Fundação Educar, que estava vinculada especificamente ao Ministério da Educação. O seu papel era de supervisionar e acompanhar, junto às constituições e secretarias, o investimento dos recursos transferidos para a execução de seus programas (ZUNTI, 2000).

Com a extinção da Fundação Educar, criou-se um enorme vazio na Educação de Jovens e Adultos; alguns estados e municípios assumiram a responsabilidade de oferecer outros programas. A história da EJA no Brasil chega à década de 1990 reclamando reformulações pedagógicas (HADDAD; DI PIERRO, 2000).

Para o contentamento da população brasileira, a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional com uma sessão voltada exclusivamente para a EJA, no Capítulo da Educação Básica, Seção V, para reafirmar a obrigatoriedade e a gratuidade da oferta da educação para todos que não tiveram acesso a ela na idade própria.

Segundo Freire (1988) a Educação de Jovens e Adultos irá se constituir como modalidade de Educação Básica, sendo concebida como forma diferenciada do ensino regular e assumindo concepções e práticas construídas a partir das décadas de 50 que viam o jovem e adulto como sujeitos da própria aprendizagem. Ele ainda diz que é importante que o professor tenha esperança, uma vez que os jovens e adultos se espelham neles e com esperança pode se acreditar em uma mudança de direção para a

vida, para a sociedade e também para o mundo. Seriam estas as questões fundamentais quando se pretende refletir, repensar ou posicionar-se em relação ao ensino atual.

Clientela da EJA

Para sistematizar as informações e entender como um profissional que atende o público da EJA precisa atuar, antes é preciso que se conheça quem é essa clientela que faz parte dessa modalidade de ensino. Assim, identificar e analisar os significados e os sentidos atribuídos aos processos de escolarização vividos por esses sujeitos na EJA nos ajudará a compreender quem são e o que pensam esses alunos e a sua inserção e vivência nela (REIS, 2009).

Frigo (2001, p.104) “define o adulto como um homem que se desenvolveu historicamente, tendo herdado a sua infância, caminha pela adolescência até a velhice, continuando num longo processo de individualização e de personificação”. Analisando essas comprovações, pode-se inferir características essenciais e fundamentais do conceito de adulto, como: a aceitação de responsabilidades, o predomínio da razão e o equilíbrio da personalidade.

Esse adulto, jovem ou adolescente que procura as escolas após longo tempo fora dela (ou às vezes nunca a frequentou), espera encontrar no ensino um diálogo produtivo com suas vivências e experiências, currículo motivador, professores qualificados e metodologias diferenciadas e cada vez mais essas pessoas que se afastaram da escola estão retornando devido às exigências do mercado de trabalho que prefere contratar pessoas com qualificação profissional.

Gadotti (2002) define o perfil dos alunos da EJA da rede pública, sendo na maioria trabalhadores proletariados, desempregados, donas de casa, jovens, idosos e portadores de deficiências especiais. São alunos com suas diferenças culturais, etnias, religião e crenças. E ainda podemos acrescentar através da realidade que vivenciamos que têm alunos que foram expulsos do ensino regular por indisciplina e algumas vezes ainda são ex-detentos.

Segundo Beisiegel (1974) o ensino destinado a este aluno sempre esteve relacionado a um número expressivo de desistências, alguns dos motivos são: a organização curricular, o número elevado de alunos em sala de aula, a falta de professores e/ou professores despreparados, trato infantilizado, condições físicas precárias, diferenças de idades dentro de uma mesma sala. Porém o motivo pelo qual o

jovem e adulto persiste está associado ao desemprego, salários baixos, falta de moradia, transporte, saúde precária dentre outros.

Quando se olha a aprendizagem de adultos através da Andragogia, vê-se que o papel do professor deve ser revisto; ele deve transformar-se em facilitador e agente de transformação, porque os alunos adultos são conscientes de suas habilidades e experiências, e exigem mais envolvimento no processo de aprendizagem (BELLAN, 2005).

Diante disso, com a perspectiva das Diretrizes Curriculares para a EJA (Cury, 2000), o profissional que atende jovens e adultos precisa atender com qualidade essas pessoas. É um equívoco trabalhar com material didático infantil sem levar em conta as expectativas de aprendizagem e os conhecimentos prévios trazidos pelo aluno. Portanto, essa ideia equivocada nasce devido os professores idealizarem que devem dar ao estudante o que eles não tiveram quando criança.

Formação dos docentes da EJA

Segundo Di Pierro (2004), com base em dados do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP, 2000), existe no nosso país aproximadamente 190 mil professores atuando na área de EJA, 40% destes profissionais não têm formação superior, sendo apenas voluntários engajados em projetos de alfabetização.

ParavCandau (1998) na realidade o que está acontecendo é que grande parte dos docentes está saindo das universidades com uma formação predominantemente científica, não pedagógica e não orientada para o ensino e sequer conhecem o ensino andragógico, ou seja, despreparados, principalmente para atuar na educação de jovens e adultos.

Queiroz (2004. p. 45), diante dessa realidade afirma que “a formação continuada tornou-se muito importante no contexto dos municípios, dos estados e das Organizações não- Governamentais – ONG’s – e de todas as instituições que realizam um trabalho pedagógico na área de EJA”, uma vez que ser professor de EJA requer especificidades para se trabalhar com esses alunos que já trazem para sala de aula a leitura do mundo. Freire (1988) pontua que os alunos já possuem estratégias de sobrevivência na sociedade gráfica/ letrada. Eles buscam na escola apropriar-se da tecnologia da leitura e da escrita para relerem o mundo.

Assim, diante de diferenças tão significativas, faz-se importante e urgente ampliarmos as pesquisas e aplicações dos métodos andragógicos utilizados pelos educadores que atendem a EJA, bem como compreender que “assim como são diferentes as formas de aprender, devem ser diferentes também as formas de ensinar” (VEIGA 2012, p. 26). Portanto, entende-se que com crianças se trabalha a Pedagogia, que consiste na arte de ensinar crianças, mas com jovens e adultos a linguagem precisa ser diferente: precisa ser nos modelos andragógicos de educação, pois o professor norteará o aluno a estudar com mais liberdade, porém com responsabilidade.

Segundo o criador da Andragogia, Knowles (1970), para trabalhar com essa faixa etária é preciso entender os princípios que norteiam esse ensino, que são: tudo que o adulto vai aprender precisa ter sentido para sua vida, ele quer saber quais são seus ganhos, dessa forma o professor precisa demonstrar os resultados esperados e que o conteúdo aplicado vai contribuir para sua vida. Assim, entende que ser professor significa contribuir para a formação de cidadãos e que deste modo ele faz a diferença.

A figura do professor poderia simbolicamente ser comparada com a de um maestro criativo que exigiria dos componentes da orquestra: organização, iniciativa própria, envolvimento, dedicação e, principalmente, ações coletivas desencadeadas por processos participativos. Sendo criativo, articulador, mediador e desafiador, o professor apostaria em todos os meios e recursos existentes para consolidar a construção do conhecimento (BEHRENS, 1996, p. 64).

A reflexão é essencial para o seu desenvolvimento profissional e para a construção da sua identidade de docente como sujeito autônomo, pois permite que o professor seja capaz de transformar sua prática e refletir sobre seus atos. Pensar é uma atividade que acontece naturalmente e é o que diferencia os seres humanos de outros animais; é uma capacidade inata do ser humano.

Dewey (1979) filósofo, psicólogo e pedagogo norte-americano, caracteriza o pensamento reflexivo como elemento impulsionador da melhoria de práticas profissionais docentes. Para ele o educador deve seguir alguns pontos essenciais:

Fazer com que o aluno esteja numa verdadeira situação de experimentação, que a atividade, o interesse, que haja um problema a resolver, que ele possua os conhecimentos para agir diante da situação e que tenha a chance de testar suas ideias. Reflexão e ação devem estar ligadas, são parte de um todo indivisível. Só a inteligência dá ao homem a capacidade de modificar o ambiente a seu redor (DEWEY, 1979, p.38-41).

A partir dessa afirmação, percebe-se que a reflexão do professor implica no conhecimento de si mesmo e de sua prática, em estar confiante em seus conhecimentos, para que possa analisá-los e desenvolver-se no sentido pessoal e profissional.

Ribas e Soares(2012) desenvolveram um trabalho que teve como principal foco entender como estão sendo preparados os professores que futuramente poderão assumir uma sala da EJA.

Para obter algumas respostas os autores desse trabalho aplicaram questionários a acadêmicas do curso de Pedagogia no último período. A maioria respondeu não estar preparada; algumas tiveram a oportunidade de fazer estágios na disciplina da EJA vivenciando na prática um pouco da teoria. Já outras nem tiveram essa disciplina na grade curricular. Porém, quase todas questionaram a pouca teoria que as faculdades oferecem para dar embasamento para elas se sentirem preparadas para atenderem esse público.

Moura (2009) analisou como está acontecendo o ensino de alfabetização de adultos. Ela descreve que ensinar habilidades da leitura, da escrita, do cálculo e a utilização permanente desses conhecimentos não é um processo fácil e aleatório principalmente para essa modalidade. Mais do que nunca significa ter como suporte uma análise político-crítica da realidade, precisa também ter uma preocupação com a ressocialização do trabalhador. Para aprender a lidar com esses problemas e formas de solucioná-los, faz-se então necessário e imprescindível que o profissional esteja em permanente formação.

Machado (2008) sinalizou para a importância dos movimentos em prol da sua afirmação como modalidade educativa e como direito social enfocando, sobretudo, o campo da formação. Hoje, já existem espaços efetivos de articulação entre professores, pesquisadores e gestores, cabendo a cada um desses profissionais conhecê-los e ocupá-los, a fim de contribuir com a discussão e proposição de novos rumos para a política da EJA, visando à sua consolidação no País.

Nesse sentido, é urgente que as universidades articulem um processo constante de inclusão de saberes, dando o conhecimento aprofundado à educação de jovens e adultos, com uma base de fundamentação teórica pertinente aos seus acadêmicos, posto que se preparam para atuar na prática.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa teve início com análises bibliográficas de obras de autores que já se dedicaram a escrever sobre a temática em estudo como Freire (1988), Dewey (1979), Veiga (2012), Knowles (1970), também se fundamentando em livros, artigos, dissertações e teses.

A abordagem utilizada na pesquisa foi a qualitativa com elementos quantitativos e caráter descritivo, havendo coleta de informações para serem descritas e analisadas com a observação do ambiente escolar e com a preocupação de coletar e atentar para um maior número de elementos a fim de uma compreensão mais apurada do problema que está sendo estudado, ou seja, como está sendo a formação dos docentes que atendem ao público da EJA (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.12).

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a aplicação de um questionário aos professores de uma instituição que atende exclusivamente ao público de jovens e adultos, para investigar como são as suas formações e suas metodologias de trabalho. A instituição escolhida para observação e aplicação do questionário foi uma escola estadual situada no Município de Anápolis-GO que há mais de 30 anos tem como finalidade atender alunos com idade acima de 15 anos no ensino fundamental e acima de 18 anos no ensino médio que por algum motivo não tiveram oportunidade de terminar seus estudos quando mais jovens. Logo, é uma instituição que atende exclusivamente esta modalidade e recebe alunos de toda a cidade devido à flexibilidade de horários e por atender a todas as séries.

A escola tem sua infraestrutura completa com água tratada, energia e esgoto da rede pública, lixo destinado à coleta periódica, acesso à Internet e banda larga. Suas dependências são compostas por 14 salas de aulas, sala de diretoria, sala de professores, sala de secretaria, laboratório de informática, sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), cozinha para o preparo dos alimentos, biblioteca, banheiro dentro e fora do prédio e um banheiro adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida.

A observação para a pesquisa foi feita durante uma semana em uma turma de 3º semestre da 2ª Etapa no turno vespertino, com 18 alunos com idades bem mistas entre 15 e 54 anos, mas sendo em sua maioria alunos jovens. A estrutura da sala é

ampla, bem arejada, sem cartazes nas paredes, carteiras enfileiradas, quadro branco de pincel e uma mesa para o professor.

Inicialmente houve uma fase de observações nas aulas para verificar a relação professor-aluno, pois através deste processo percebe-se se esse professor se sente confiante diante dos discentes, analisando ainda se as metodologias utilizadas pelos professores são adequadas para esse perfil de alunado.

Posteriormente ao período de observação foi aplicado um questionário como instrumento para a coleta de dados. O questionário foi elaborado com questões abertas, pois permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria e emitir opiniões. Este continha perguntas de perfil/formação e perguntas sobre práticas/metodologias adotadas; foi aplicado a 10 professores com intuito de verificar se estão realmente preparados como profissionais reflexivos. As informações coletadas durante as observações e aplicação dos questionários foram tabuladas para serem analisadas posteriormente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com uma semana de observação na instituição escolar, percebeu-se que os professores conhecem seus alunos e sabem quais as metodologias são necessárias para promover o aprendizado de cada um em sua particularidade, oferecendo a sua clientela momentos lúdicos e sem perder o foco de que estão ensinando adultos.

Para a análise dos questionários os professores foram identificados por códigos, de P1 a P10. As perguntas de número 1, 2 e 3 são perguntas sobre o perfil de cada um. Sendo assim, os professores possuem formação em Pedagogia, Química, História, Letras(Português e Inglês), Matemática e Biologia. Observa-se que a maioria dos professores é formada em áreas específicas, ministrando disciplinas de suas respectivas áreas de formação.

Quanto ao tempo na função de docente da EJA e o tempo na escola, apenas dois professores possuem tempo inferior a dois anos como professores da EJA; os demais estão acima de cinco anos na unidade escolar, chegando até 20 anos de docência nessa modalidade e também 20 anos na mesma escola.

Com relação à pergunta de nº 4: *Como você considera a preparação oferecida por seu curso superior para o seu desempenho como profissional da EJA?*: 100% disseram não ter tido disciplinas e pouco ouviam dizer sobre esse ensino em seus cursos e todos tiveram que aprender na prática; alguns ainda responderam que foi um susto devido ser uma realidade totalmente diferente do ensino regular para o qual eles foram preparados.

Segundo Nóvoa (2000, p. 23) “o aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola, como o lugar de crescimento profissional permanente”. Manter-se atualizado e desenvolver práticas pedagógicas faz o profissional ser eficiente, são grandes os desafios enfrentados pelo docente, mas quando o professor é pesquisador faz o diferencial.

Na pergunta de nº 5: *Em sua opinião qual é o perfil adequado para o docente que atende o público da EJA?* verificou-se que todos possuem as mesmas visões, tanto que colocaram entre suas justificativas que o profissional que atende a EJA precisa ser FLEXÍVEL. O professor que não faz um planejamento maleável corre o risco de não alcançar seus objetivos, pois os alunos são a referência para a elaboração de um plano. Segundo Contreras (2002) o professor para ser flexível precisa ser um ser humano capaz de pensar, analisar, questionar a sua prática a fim de agir sobre ela e não como um mero reprodutor de ideias, criatividade e práticas.

Na Pergunta de nº 6: *Você se sente preparado (a) para atender as necessidades da(s) turma(s) que lhe foram confiadas? Por quê?* eis algumas respostas que se destacaram:

P1 Sim. Fiz cursos de especialização na área da EJA e pela experiência em sala de aula.

P3 Sim. Pois já estou há muito tempo na sala de aula e a prática e o domínio do conteúdo nos preparam para tudo.

P5 Hoje me sinto mais preparada, embora ainda encontre dificuldade em trabalhar com os meninos da inclusão. Aqui tudo é muito corrido e falta demais preparação para atender os portadores de deficiência, mas estou aprendendo muito com essa nova realidade da EJA.

P6 Sim, devido ao tempo que estou aqui e aos estudos feitos após ingressar nesta modalidade, estudos feitos com recursos próprios.

P8 Bem que gostaria, mas ainda não possuo esse preparo, mas acima de tudo procuro aprender com todas as turmas.

Como visto, a maioria diz estar preparada para atender essa modalidade, embora todos aprenderam e ainda aprendem na prática. O professor precisa refletir, colocando para si as questões do cotidiano como situações problemáticas; ele precisa

realizar o processo de reflexão sobre sua ação, visto que o professor reflexivo deve ser capaz de atuar de uma forma mais autônoma, inteligente, flexível, buscando construir e reconstruir conhecimentos (ALARCÃO, 2000).

A pergunta de nº7 surgiu a partir da observação de uma aula: devido ao pouco tempo de duração das aulas, surgem dificuldades de alguns alunos mais idosos, indisciplina de alguns mais jovens, entre outros motivos que atrasavam muito os conteúdos. Neste contexto, foi questionado: *Você consegue executar sempre seu plano de aula? Se não, por quê?*

P1 Não. Cada sala tem sua particularidade e nem sempre conseguimos concluir o plano de aula no tempo.

P3 Não porque o aluno do EJA é mais complicado muitas vezes alcançamos alguns e não a maioria, então é difícil propor e concluir todo o plano de aula.

P4 Nem sempre. Existem vários fatores que podem nortear o rumo da aula, como exemplo: o envolvimento dos alunos, suas dúvidas, seus questionamentos, as dificuldades apresentadas; Algumas vezes é necessário um replanejamento.

P5 Não, às vezes ocorrem situações que prejudicam o andamento da aula como: indisciplina, ausência dos alunos, dificuldade dos alunos que requer um acompanhamento assistido etc.

P6 Sim, raramente não, sempre que o não acontece é por influências externas.

Confrontando o período de observação e analisando as respostas, chega-se à conclusão de que na maioria das vezes os professores não conseguem executar seus planos, interrompendo o que haviam planejado e adiando para as próximas aulas. O plano de aula é um instrumento que sistematiza todos os conhecimentos, atividades e procedimentos que se pretende realizar numa determinada aula, tendo em vista o que se espera alcançar como objetivos junto aos alunos (Libâneo, 1993). Nem sempre parando o conteúdo para explicar as dúvidas ou para resolver algum problema se torna apenas um ponto negativo e sim é uma forma de ajustar a aula e rever a forma de continuar a fim de atingir por completo seu aluno.

Acontecem muitos problemas no ensino aprendizagem dessa modalidade devido a vários fatores e, para analisar a visão dos professores e de que forma esses problemas atrapalham seu trabalho, questionou-se (Pergunta 8): *Quais as dificuldades enfrentadas no desempenho de sua função?*

P1 Alunos da Semiliberdade que cumprem penas e estudam por determinação judicial. Drogas. Infrequência.

P2 Falta de recursos pedagógicos.

P4 Turmas heterogêneas; Defasagem escolar; Dificuldade de aprendizagem de alguns alunos; indisciplina de adolescentes.

P5 Penso que hoje minha maior dificuldade é atender a Matriz Curricular, que é totalmente incoerente com a EJA. Problemas como indisciplina, infrequência do aluno, falta de material didático etc., também prejudicam meu desempenho.

P6 Tantas... falta de material específico, falta de compromisso dos alunos jovens, baixos salários e muitos outros.

P10 Principalmente fatores externos, exemplos: a situação financeira dos alunos que fazem com que eles sejam infrequentes, uma remuneração por aula que me permitisse concentrar meus esforços em um número menos de turmas.

Ao longo dos últimos anos, a EJA vem sobressaindo-se no cenário educacional, promovida pela sociedade em forma de mobilizações. Contudo, muito ainda precisa ser reparado. Conhecendo um pouco mais do universo da EJA através das análises bibliográficas e das observações da realidade em sala de aula, verifica-se que a fala dos professores condiz com a realidade: são muitos e diversos os impasses e desafios vivenciados pelos docentes.

Freire (1996) argumenta que exercer a docência é uma tarefa complexa que envolve mais do que o conhecimento específico do professor; envolve o domínio do campo pedagógico, e este se constitui na medida em que o professor vivencia os processos de ensino e aprendizagem numa relação de construção coletiva, em que ele se apresenta como sujeito formador e formando.

Pergunta de número 9: *Tente relatar uma dificuldade que você enfrenta devido à diferença de idade que **existe nas salas de aula.***

P2 Jovens: sem foco de aprendizagem. Adultos: (muitos anos sem estudar/ trabalho prioridade).

P4 A principal no meu ponto de vista é conduzir o trabalho de modo a não estacionar e nem atropelar o aprendizado, ou seja, conciliar o ritmo de ensino entre mais jovens e os adultos.

P5 A linguagem que os jovens utilizam acaba trazendo atritos, causando até mesmo a desistência de alguns adultos. Os jovens tem mais facilidade de aprender, eles são mais rápidos o que me obriga a trabalhar dois tempos e com mais de um planejamento.

P6 Temos alunos jovens que compreendem rápido e os mais velhos são mais lentos, outro problema são as drogas e falta de compromisso mesmo.

P7 A indisciplina do aluno mais jovem, porque é ansioso e nem sempre tem paciência para acompanhar o raciocínio mais lento do aluno mais velho (idoso).

P9 Temos alunos jovens que compreendem rápido e os mais velhos são mais lentos, outro problema são as drogas e falta de compromisso mesmo.

Como mencionado anteriormente, numa mesma sala é permitido idades diferentes. A sala observada tem adolescentes de 15 anos e adultos de 54. Assim, é evidente que o pensamento de um é totalmente diferente do outro, até mesmo devido à experiência de vida e o comprometimento que o mais velho possui, pois sabe as dificuldades que enfrenta devido à falta de estudo.

Segundo Coll e Gillieron (1987) quando misturados às turmas de jovens, os alunos adultos sentem grande vergonha de frequentar a escola e às vezes acham-se incapazes de aprender, sentindo-se humilhados e tornando-se inseguros quanto à sua própria capacidade. Essas são diferenças individuais em sala de aula e que precisam ser atendidas pelo professor, dando maior atenção aos alunos que apresentam maiores dificuldades em sua aprendizagem.

Na pergunta de n: 10. *Você atende o público da EJA por gostar dessa modalidade ou para completar sua carga horária?* algumas respostas se destacam:

P1 Por gostar. Já trabalhei com regular, mas EJA é meu desafio, é minha paixão. Não só ensino como também aprendo. É uma lição de vida.

P2 Por gostar, respeitar e acreditar na oportunidade de melhorias sociais.

P4 Trabalho exclusivamente na EJA e aprendi a amar essa clientela, pois reconheço a nossa importância na formação de cada aluno, bem como para a sociedade.

P5 Estar aqui foi uma escolha minha, gosto desse público, dessa escola e tento fazer o meu melhor.

P7 Sempre gostei de trabalhar com o aluno do EJA.

P8 Gosto muito dessa modalidade, mas foi apenas para completar a carga horária.

P10 Atualmente, trabalho somente na modalidade EJA, creio que posso contribuir com a sociedade nessa função fator que mantém minha motivação nesse cargo.

Pode-se afirmar pelas respostas dos professores entrevistados que eles valorizam e desempenham sua atividade docente como um ato de amor e dedicação, pois disseram desempenhar suas funções realmente por gostarem do que fazem e que apesar das dificuldades enfrentadas continuam acreditando que são formadores de pessoas, capacitando-as para melhorar a sociedade. Segundo Porto (2000) a formação continuada de professores e suas práticas pedagógicas não podem ser dissociadas, pois a formação se dá enquanto ocorre a sua prática.

Para analisar o que os professores esperam alcançar com o apoio da coordenação pedagógica, elaborou-se a questão de número 11 do questionário: *Em sua opinião de que forma a coordenação pedagógica pode auxiliar em seu trabalho?*

P1 O coordenador nos dá suporte com os alunos indisciplinados convocando e conversando com os pais dos menores. E trabalha com os alunos buscando conscientizá-los sobre a importância da escola.

P5 Sempre pensei em uma coordenação que me desse suporte, me auxiliasse na preparação das aulas onde eu tivesse que montar os recursos tecnológicos, enfim, que contribuísse para o meu crescimento até mesmo apontando minhas falhas. Hoje conto com esse apoio pedagógico.

P8 Sim, com toda a propriedade, sem o coordenador ficaria difícil meu trabalho.

P10 Uma visão externa sempre é bem vinda à análise do sucesso de um trabalho, percebendo detalhes que dificilmente perceberíamos pela proximidade, e nos auxiliando a melhorar nesses pontos.

Através da leitura das respostas verifica-se a necessidade que os professores possuem de apoio pedagógico, de várias formas, cada um com seu ponto de vista, mostrando a importância de ter a coordenação andando lado a lado no processo de ensino.

Nas palavras de Franco (2008, p. 128) “todo docente precisa de apoio da coordenação pedagógica para conseguir executar com excelência seu trabalho”. O coordenador é elemento mediador entre currículo e professores. Assim, esse profissional será aquele que irá auxiliar o professor a fazer as devidas articulações, que se desenvolvem na sala de aula e na escola.

Libâneo (2001) afirma que “junto ao corpo docente o coordenador tem como principal atribuição a assistência didático-pedagógica, refletindo sobre as práticas de ensino, auxiliando e construindo novas situações de aprendizagem capazes de auxiliar os alunos ao longo da sua formação”.

Se os professores que atendem a EJA não estão tendo preparo nas suas formações iniciais, será que estão tendo formação continuada a fim de suprir as necessidades que vão surgindo no dia a dia? A fim de entender como está acontecendo as formações desses professores observados, foi elaborada a questão de nº 12: *Você participa de alguma formação continuada? Se sim, nos fale um pouco como elas ocorrem.*

P1 Já fiz; no momento não estou fazendo.

P4 No momento não. Já participei anteriormente.

P5 No momento não.

P6 Já fiz, mas agora tô parada.(sic)

P8 Ainda não, mas pretendo.

O que chamou a atenção nessas respostas é que a maioria dos professores respondeu não participar de formações continuadas, mas que gostariam. Porém, no dia que foram aplicados os questionários estavam todos os professores juntamente com a Coordenação Pedagógica em uma reunião que quinzenalmente acontece na instituição, direcionada para os problemas e dificuldades que vão surgindo na escola. Assim, também estão sendo preparados para lidar com esse público tão diferenciado. Porém, como os professores não saem da escola para outro ambiente, não enxergam essas reuniões como formação continuada.

A formação continuada pode ser caracterizada como uma tentativa de suprir as faltas da formação inicial, também de se adequarem na realidade que estão vivendo em determinado momento além de resgatar a figura do mestre, tão carente do respeito devido a sua profissão, tão desgastada e desvalorizada nos dias atuais. "Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática" (FREIRE, 1996, 58). Para o autor, formação permanente é uma conquista da consciência do ser, da maturidade que se adquire.

Diante dessas afirmações elegemos Malglaive (1995, p.20) para uma singular reflexão, “[...] não há formação contínua sem formação inicial [...]” Não é porque existe formação continuada que as pessoas podem se prender a isso, precisam entender que a formação inicial é o embasamento para toda uma vida docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação de jovens e adultos é uma formação diferenciada, devido o público também ser diferente e para atingir todas as propostas ofertadas e todos os objetivos é preciso que o professor seja mediador do conhecimento, trazendo inovações e conhecimentos científicos obtidos através de estudos e pesquisas para as aulas não se tornarem cansativas e os alunos não desanimarem.

O grande desafio de ser professor da EJA consiste em buscar o conhecimento, inovando sua prática e se capacitando para atender as demandas da realidade na qual educador e educando estão inseridos. Faz-se necessário que o professor não se restrinja apenas à sala de aula, mas perceba que ele é parte integrante e responsável da escola e do aluno que lhe foi confiado, refletindo suas ações e atitudes.

Segundo Freire (1996), o momento fundamental na formação permanente dos professores é o da reflexão crítica sobre a prática: “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p. 44).

São muitos os desafios a serem ultrapassados quando se está inserido na EJA, mas a partir do momento em que professores e alunos se enxergam como mestres e aprendizes, numa construção coletiva do conhecimento, o processo de ensino aprendizagem se torna mais efetivo e relevante na educação de jovens e adultos. Verifica-se que o processo de formação para professores da EJA está “caminhando”, mas que há muito ainda a ser feito para que de fato esta modalidade se fortaleça.

ABSTRACT

The present work aims to better understand the importance of adequate training for teachers who work in youth and adult education, as well as the methodologies and didactic resources used by them. It presents the history of the emergence of teaching of youths and adults and the profile of the students of this modality, focusing on the training of teachers and seeking answers on how the teacher should be trained as a reflective professional. The research was based on bibliographical research and field research in a public institution of the city of Anápolis-GO, with a qualitative approach, having as instruments of data collection the observation and questionnaires applied to ten teachers. The results point to a scenario of teacher specialization for the education of youths and adults, with specific methodologies and adapted to the modality, although it is still perceived the infantilization of the adult in some moments.

Keywords: Youth and Adult Education. Teacher training. Reflective professional.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. “Ser professor reflexivo”. In: ALARCÃO, Isabel. *Formação Reflexiva. Estratégias de Supervisão*. Porto :Porto Editora, 2000.

AMARAL, N. C. Um novo Fundef: as ideias de Anísio Teixeira. *Educação & Sociedade* Campinas. SP, v. 22, n. 75, p. 277-290, 2001.

- BEHRENS, M. A. *Formação continuada de professores e a prática pedagógica*. Curitiba: Champagnat, 1996.
- BEISIEGEL, C. R. *Estado e Educação Popular, um estudo sobre a educação de adultos*. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1974.
- BELLAN, Z. S. *Andragogia em Ação: Como ensinar adultos sem se tornar Maçante*, Santa Bárbara d'Oeste: SOCEP Editora, 2005.
- CANDAU, Vera Maria (Orga.). *Magistério: construção cotidiana*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- COLL, C.; GILLIÈRON. C. “Jean Piaget: O desenvolvimento da inteligência e a construção do pensamento racional”. In, LEITE, L.B. (Org) *Piaget e a Escola de Genebra*. São Paulo: Cortez, 1987.
- CONTRERAS, J. *A autonomia de professores*. São Paulo: Cortez, 2002.
- COUTINHO, Mariza. O Minerva é cultura para todos. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 03 out. 1971. Primeiro caderno. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br>, acesso em: 26/09/2016.
- CURY, C. J. “Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos”. In: Brasil. *Conselho Nacional de Educação (CNE). Câmara de Educação Básica (CEB). Parecer nº 11, 07 de junho de 2000*. Brasília: CNE/CEB.
- DEWEY, John. *Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo, uma reexposição*. São Paulo: Editora Nacional, 1979.
- DI PIERRO, M. C.; JOIA, O. RIBEIRO, V. M. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. *Caderno Cedes*. Campinas, SP, n. 55, p. 58-77. 2004.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. Coordenação pedagógica: uma práxis em busca da sua identidade. *Revista Múltiplas Leituras*, V.1, n.1 p. 137-131, Jan. 2008.
- FRIGO, Eliana Baesso. Educação de Jovens e Adultos: um ensaio sobre Andragogia. *Revista Ciências Humanas*. Criciúma, v.7, p. 103 – 122, jan/jun.2001.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança – Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Ed. Paz e Terra (1992) associados, 1988.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: Ensinar e aprender com sentido*. São Paulo: Cortez, 2002.
- HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. Escolarização de jovens e adultos. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n. 14, p. 108-130, 2000.
- KNOWLES, M. S. *A Prática Moderna da Educação de Adultos: Andragogia versus Pedagogia*. Nova Iorque: Association Press, 1970.

LIBÂNEO, José Carlos. *Organização e de gestão da escola: teoria e prática*. Goiânia: Alternativa, 2001.

_____. *Organização e gestão escolar: teoria e prática*. Goiânia: Alternativa, 1993.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO Maria Margarida. Formação de professores para EJA: uma perspectiva de mudança. 172. *Revista Retratos da Escola, Brasília*, v. 2, n. 2-3, p. 161-174, jan./dez. 2008.

MALGLAIVE, Gérard. *Ensinar adultos*. Coleção Ciências da Educação. nº 16. Portugal: Porto Editora, 1995.

MENEZES, E. T. de; SANTOS, T. H. dos. Verbete Madureza. ***Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil***. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/madureza/>>. Acesso em: 27 de set. 2016.

MOURA, Maria da Gloria Carvalho. *Educação de Jovens e Adultos: um olhar sobre sua trajetória histórica*. Curitiba: Educarte, 2003.

MOURA, Tânia Maria de Melo. *Formação de educadores de jovens e adultos: realidade, desafios e perspectivas atuais*. Vitória da Conquista: Práxis Educacional, v. 5, n. 7 p. 45-72 jul./dez. 2009.

NÓVOA, A. “Os professores: Um ‘novo’ objecto da investigação educacional?” In: António Nóvoa (Org). *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora, 2000.

PAIVA, V. *Educação popular e educação de adultos*. São Paulo: Loyola 1973. v. 1. (Temas Brasileiros, 2).

PORTO, Yeda da Silva. Formação continuada: a prática pedagógica recorrente. In: MARIN, Alda Junqueira (org.). *Educação continuada: reflexões alternativas*. Campinas: Papirus, 2000.

QUEIROZ, Marinai de Lima de. et al. *Gêneros Textuais na Educação de Jovens e Adultos*. Maceió: FAPEAL, 2004.

REIS, S. M. A. de O. *A inserção dos egressos da educação popular na escola pública: tensão entre regulação e emancipação*. Belo Horizonte: Programa de Pós Graduação em Educação - Fae/UFMG, 2009. (Dissertação de Mestrado).

RIBAS, M. S.; SOARES, S. T. “Formação de professores para atuar na Educação de Jovens e Adultos: uma reflexão para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da prática docente”. In: IX Anped Sul - Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012, Caxias do Sul. A Pós Graduação e suas interlocuções com a Educação Básica. Caxias do Sul, 2012.

RIBEIRO, Renato Antônio. *Rompendo barreiras: a atuação do coordenador pedagógico e seu papel junto aos docentes da EJA*. (Dissertação de Mestrado).2014.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena (orgs). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil*. Vol. III. Petrópolis: Vozes, 2005.

VEIGA, Ilma. ÁVILA, Cristina (Orgs). *Didática e Docência na Educação Superior: implicações para formação de professores*. São Paulo: Papirus, 2012.

ZUNTI, Maria Lúcia Grossi Corrêa. *A Educação de Jovens e Adultos promovida pelo MOBREAL e a Fundação Educar no Espírito Santo, de 1970 a 1990: uma análise dos caminhos percorridos entre o legal e o real*. Vitória, 2000.